



# Gol de placa

**Folclore de Chuteiras povoa universo do futebol com monstros clássicos brasileiros e estrangeiros**

Por Ana Lasevicius

**A** imaginação entra em campo! Um livro vira rádio, e uma partida de futebol se transforma em aventura épica, com os seres mais incríveis:

“Boa-noite, amigos da rede azul. Vai começar em instantes o jogo amistoso da seleção brasileira de monstros do futebol. O adversário de hoje é um combinado mundial de craques sobrenaturais.”

Em *Folclore de Chuteiras* (editora Peirópolis, 2014), Alexandre de Castro Gomes convoca o leitor para um jogo com seres do folclore, como Mapinguari (no gol), criatura que tem a boca na barriga, Saci-pererê, Boitatá, Negrinho do Pastoreio e o Lobisomem (no meio-campo), entre outros.

Já no time adversário, são escalados personagens fantásticos

provenientes da cultura de vários países: Múmia (Egito), Frankenstein (Inglaterra), Pé Grande (Estados Unidos), o Vampiro (Romênia), o Ciclope (Grécia), a Gárgula (França), etc.

O texto é resultado de pesquisa apurada sobre a técnica e a linguagem do esporte, para narrar a história de modo fiel ao formato radiofônico. O jogo vai rolando,

tendo como árbitro (nada mais justo) o ET de Varginha. Os superpoderes dos participantes tornam a partida um show de bizarrices.

A ilustração é assinada por Visca, marcada por colagens e grafismos. Lances da partida são retratados de modo caótico, invocando o clima surreal do confronto. No final, os jogadores se organizam num álbum de figurinhas, revelando sua origem e características. O livro é uma oportunidade para o pequeno leitor se familiarizar com o vocabulário, as expressões e as gírias do esporte, além de se divertir com os poderes sobrenaturais destas criaturas em campo.

**ANA LASEVICIUS É**  
ESCRITORA E ILUSTRADORA

## Bate-bola

Alexandre de Castro Gomes

**“Pisa na bola quem considera a criança um leitor menos exigente”**

**O que seria pisar na bola em literatura infantojuvenil?**

Há tantas pisadas medonhas que nem sei por onde começar: considerar a criança como um leitor menos exigente. Enchê-las de “inhos”, clichês e textos vazios, sem profundidade. Dar-lhes “mais do mesmo”. Achar que literatura infantojuvenil precisa ensinar lições e ter moral. Escrever sem estudar o assunto antes, imaginando que, por ser criança, o leitor só precisará de explicações superficiais.

**Há algum golaço recente da literatura infantojuvenil?**

De cara, me vem o prêmio Hans Christian Andersen, o “Nobel do infantojuvenil”, que Roger Mello recebeu em março. É o 3º brasileiro premiado [Lygia Bojunga, 1982, e Ana Maria Machado, 2000, ganharam como escritoras; Roger, como ilustrador]. O reconhecimento do ilustrador como coautor é outro gol de letra. Ou das letras. Os ilustradores lutam há décadas para que seu trabalho seja considerado autoral e, embora o processo seja lento e tortuoso, algumas editoras estão mudando seus contratos. Por último, com direito a aviãozinho em comemoração, está o aumento das compras de livros do gênero. E não só por programas de governo.

**A que atribui esse aumento da procura por infantis?**

Com a aceleração corrida tecnológica, muitos pais optaram por mostrar a seus filhos que diversão e aventuras podem estar nas páginas de uma história. Livrarias, que antes escondiam

a literatura infantil em poucas prateleiras no fundo da loja, hoje reservam grande parte do seu espaço para a garotada. O crescimento do setor é inegável. E vejo isso como um fenômeno mundial, não só na literatura. Bandas como *They Might Be Giants* estão gravando material infantil. Animações da Pixar e filmes de heróis estão entre os campeões de bilheteria de todos os tempos. Estilistas importantes, como Stella McCartney, assinam coleções infantis. Estamos preparando os jovens para assumir as rédeas do planeta. É uma responsabilidade e tanto.

**Quando entrou em campo pela primeira vez?**

Calcêi as chuteiras no século passado. Treinei muito. Mas só entrei em campo em 2007, quando enviei três textos a editoras. Fiz os três gols de uma vez, embora só tenha balançado as redes em 2008, em 2009 e 2010.

**Nos amistosos com editoras, mandou bolas na trave?**

No começo foram muitas na trave. Textos negados por não entender como funcionava a produção das editoras. Como todo iniciante, nem sempre compreendia o lado do editor. Muitas vezes, eu o via como o técnico teimoso e antiquado que cismava em barrar o artilheiro por questões sem importância. Com o tempo, vi que podia aprender com as editoras. Procurei ouvir mais. Pesquei dicas escondidas. Sei que há técnicos bons e ruins. Isso acontece em todo lugar. Eu me aproximei dos melhores. Hoje, fazemos gols juntos.